

António Pinho Vargas, notas de um compositor (2002)

por Soraia Simões de Andrade¹

Em Fevereiro e Março de 2002 a Culturgest organizou e promoveu um Festival António Pinho Vargas com uma boa parte da sua obra.

António Pinho Vargas teve, ao longo da sua trajectória, uma relação de vários anos com o universo do *jazz*, do teatro e do cinema, além da sua reconhecida incursão (e trabalhos realizados) no domínio da *música contemporânea* que intensificou a partir da sua estadia na Holanda.

O seu percurso é igualmente uma parte importante da história da música europeia e do cinema em Portugal, com uma ampla actividade musical, onde se incluem dezenas de composições originais e espectáculos em vários países, com músicos como Jon Christensen, Steve Potts, Kenny Wheeler ou Arild Andersen, entre outros, ou mesmo com o seu grupo de *jazz*. Compôs música para cinema e para teatro – *Tempos Difíceis* (1988) *Aqui na Terra* (1993) *Quem és tu?* (2001) *Cinco Dias, Cinco Noites* (1996) e *O Fascínio* (2003) –, recebendo o prémio para melhor música em festivais de cinema com *Tempos Difíceis* e *Cinco Dias Cinco Noites* dos cineastas João Botelho e José Fonseca e Costa respectivamente.

Foi também distinguido em diversos momentos do seu percurso profissional, como com o Prémio de Imprensa Sete de Ouro para o melhor disco instrumental do ano em três fases distintas.

Resultado de uma encomenda da Culturgest, entidade promotora do Festival António Pinho Vargas, a Lx Filmes e a RTP, foi realizado por Manuel Mozos e Luís Correia o documentário António Pinho Vargas, notas de um compositor.

Um dos aspectos mais interessantes deste documentário é a pergunta que o atravessa ao longo de cerca de cinquenta minutos: «Para que serve a música, quem a ouve e porque é que a ouve?». Por um lado, a transparência, a inquietude, que a questão colocada provoca ao autor, compositor, intérprete; por outro lado pelo carácter de implicação que a mesma pergunta convoca junto da recepção musical: afinal, a música só tem importância a partir do momento em que há um ouvido humano para a escutar.

Manuel Mozos e Luís Correia acompanham os desassossegos, os argumentos, os comentários e as observações sobre o papel do compositor no mundo contemporâneo.

António Pinho Vargas é dotado de uma rara capacidade de comunicar com o público, quiçá esta sobrevinda das suas formações também em história e em sociologia, e do

¹ Historiadora da música, investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea.

tempo que dedica à observação do mundo contemporâneo, nomeadamente da indústria cultural, a partir da sua prática artística (leia-se *Música e Poder*, obra literária resultante da sua tese de doutoramento) a que ajudarão certamente as conhecidas insónias do autor. Predicados que o tornaram num investigador sempre sequioso à procura de uma música que se conecte com a essência do seu tempo.

O documentário não nos mostra apenas um autor com obra considerada no panorama da *música contemporânea*, expõe-nos o autor no decorrer dos ensaios e dos concertos, na sua teia de crenças, reflexões, propósitos, insatisfações, fraquezas e buscas.

As participações de Augusto M. Seabra, crítico de música, Miguel Henriques, Luís Tinoco, João Madureira, ajudam a compor a narrativa.

«Cada obra tem o seu sistema próprio, tem a sua estrutura própria, muitas vezes extremamente bem definida, mas cada uma delas transporta em si o seu tempo histórico de reflexão sobre o próprio material», diz-nos a um dado momento, bem perto do fim do documentário, Augusto M. Seabra.

Três notas de apreço para o som do documentário da autoria de José Barahona, para a sequência final, de uma eliciação criativa notável, onde nos é dado *Final de Estudos e Interlúdios* (2000) de António Pinho Vargas com o grupo de Percussão Drumming, dirigido por Miquel Bernat, e para as obras que ilustram o filme e nos reaproximam da questão inicial do mesmo que acompanha o protagonista, das quais destacaria: «Vilas Morenas», António Pinho Vargas (piano), José Nogueira (saxofone), percussão (Rui Júnior), voz (Maria João); «Nove canções» de António Ramos Rosa, Rui Taveira (tenor), Jaime Mota (piano); «Acting Out», Orquestra Nacional do Porto sob a direcção de Martin André, piano de Miguel Henriques e percussão de Elisabeth Davis; «Mirrors», piano Miguel Henriques; «Três estudos para dois pianos», pianos: Miguel Henriques e Ana Valente; «Thelonius Skizo Skeeth», piano: António Pinho Vargas; «Mechanical String Toys», direcção de Martin André; «Nocturno/Diurno», Orquestra Nacional do Porto, direcção de Martin André ou «Two family discussions», Orchestrutópica.